



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Carmo, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. *Talibata - Lisboa* • Telefone:
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUEREM ASSASSINAR-NOS?

Quando o povo reclama pão — dá-se-lhes coronhadas e tiros!

A noite passada quando, no cumprimento da missão sagrada que nos foi cometida pela organização operária portuguesa, estávamos fazendo a BATALHA, foi o edifício onde estão instaladas a Confederação Geral do Trabalho, este jornal e muitas associações operárias, assaltado por bandos de feras fardados, que, sem qualquer motivo que ao de leve justificasse uma violência, aos tiros e à coronhada, invadiram esta casa, parece que no intuito de evitar uma reunião magna do operariado da construção civil, reunião que já havia terminado.

¿ E' com medidas de tamanha violência que os governantes e os seus delegados pensam fazer face à situação? ¿ E' de semelhante forma que supõem evitar as justas reclamações dos que tem fome?

Mas — ouvi, ó governantes desmiolados! — com tais brutalidades só conseguis afundar-vos e, convôscos, afunda-se a sociedade que pretendeis defender.

Mais violências

O Sindicato Unico da Construção Civil, conforme a Batalha noticiou, tinha marcado para ontem uma reunião magna na sua sede, que, como é sabido, fica no mesmo edifício onde está instalada a redacção de a Batalha. Ao princípio da noite começaram a ser invadidas as salas do edifício por numerosos grupos de camarádas da construção civil, ficando muitos deles nas imediações, por não ser impossível obter lugar no recinto destinado à assembleia.

Cerca das 22 horas, surgiu dos lados do Camões uma força de cavalaria da guarda republicana, a qual se deteve em frente do edifício, fazendo afastar numerosos operários que, com a maior cautela, se encontravam nos passeios. Até aí de extraordinário apenas a ordem de afastar toda aquela gente. Entretanto, numa das salas, efectuava-se serenamente a reunião do operariado da construção civil, que numerosamente havia accorrido a tomar parte na sessão, enquanto no patio outra assembleia se realizava com o mesmo fim.

Depois, talvez pelas 23 horas, isto é, quando já haviam terminado as sessões, como sentissemos rumores estranhos na rua, dirigia-se um de nós para a janela, mas a esse tempo, de baixo, muitas vozes gritaram: «Retire-se da janela!» E, no mesmo instante, foram apontadas dezenas de espingardas. Era uma força de infantaria da guarda republicana que, postada no passeio fronteiro, se preparava para entrar no exercício da sua profissão macabra: matar e matar.

Efectivamente, daí a breves momentos, eram disparados dois tiros, os primeiros da série. Na altura de se furtarem aos cobardes ataques dos selvagens, muitos operários puzeram-se em fuga, e entre os brutos caíam sobre os fugitivos as coronhadas, motivo porque ficaram feridos muitos dos nossos camaradas. Entretanto, do momento a momento, novos tiros caíam, feitos ao acaso, por aqueles soldados, não havendo felicidade qualquer morte a lamentar.

A certa altura, quando já poucos indivíduos se encontravam no edifício, foi, pela tropa, impedida a saída dos que pretendiam dirigir-se a suas casas e às pessoas que, em serviço de a Batalha, propunham entrar nesta casa, a qual embargado o passo.

Que se tramava? Chegamos-nos a convencer que não poderíamos por-nos hoje em contacto com os leitores, visto que neste país a liberdade do reunião, o direito de expressão de pensamento, a vida de cada um de nós, dependem do bom ou mau humor do primeiro cabo de ordens que se nos depara.

As poucas pessoas que se encontravam no edifício, umas incluídas as que exercem a sua actividade nas oficinas de a Batalha, aguardavam serenamente a sequência dos acontecimentos. Dentre em pouco, entravam no patio alguns soldados de infantaria, de arma aporradada, que capturavam as pessoas que se encontravam naquele recinto, mantendo-as ali. Depois, alguns dos soldados,

NOTAS & COMENTÁRIOS

Erro de visão Diz a Manhã que o opúsculo A Ditadura do Proletariado, do nosso amigo Carlos Rates, está sendo atacado «muito pelos burgueses, os conservadores, os letrados, os intelectualizados que sabem pensar, escrever, conversar e ser correctos» — virtudes estas que, segundo o peregrino critério do autor do suelto, não podem ser apanágio do trabalhador manual — mas que tal ataque é feito pelos elementos extremistas do que há de vir.

Ao que parece, o sueltista confunde critica, que é sempre bem aceite, com ataque, sinónimo de agressão. E o ataque tem partido exactamente do campo dos que sabem pensar, escrever e ser correctos... Podia verificar-se o contrário, que nem por isso o mundo andaria para trás, mas é que não sucede assim, de onde se conclui que o sueltista de a Manhã desta vez assestou mal o seu binóculo...

Já o mesmo sucedera na véspera com A Capital, que descobriu que o livro tem propósitos mençugiivos, que segundo ainda o sueltista de a Manhã, é coisa que os seus leitores não sabem o que é, talvez porque não pertencem ao número dos que sabem pensar, escrever, conversar e ser correctos...

Sem razão Não é difícil encontrar aqui ou além quem accuse o funcionalismo público de exigir sem razão e demais atendendo à precária situação financeira do Estado.

Ora entre os funcionários públicos há, por exemplo, os que tem os seguintes cargos: Cantoneiro, vencimento por dia, \$70; guarda florestal, vencimento por dia, \$50; servente de secretaria, vencimento por dia, \$20.

Veja o leitor se é possível viver hoje com estes recursos. ¿ E' precária a situação financeira do Estado? Nesse caso porque se tem aumentado os quadros do funcionalismo? ¿ Porque se tem alargado até ao absurdo as despesas militares?

E só agora se reconhece o estado precário do Tesouro, porque os pequenos pedem. Quando, ainda há pouco, se aumentaram os vencimentos de deputados, senadores e ministros, não se ponderou essa circunstância.

Prisões Mal se desenha um movimento em que as classes menos abastadas reclamam um pouco de pão, logo as prisões se enchem de reclamantes. E' uma violência a que já estamos habituados e prova elle bastante razão nos assiste nas reclamações.

Se o pão das prisões não fosse pior do que o que cá fora compramos por bom preço, quasi desajariamos a prisão perpetua para não pensarmos na vida cara.

O bom tempo... A primavera, embora não anunciada pelo Borda de Agua, já nos mostra a sua face resplandecente, já acaricia com os raios dourados e quentes dum sol regenerador os desolados, os rotos e os esmaimados. Nós, possuidores de notas um pouco alegres estalando de riso íronicos contrários, saudamos o bom tempo que chega.

Com um céu azul e uma temperatura tão acariciadora, esquece muita gente a falta de gêneros e a fome que vai lá por casa.

Cartas de Itália

Dum velho e dedicado camarada italiano recebemos, juntamente com a promessa de nos ir informando regularmente sobre os acontecimentos mais sensacionais do seu país, a interessante carta que noutro lugar publicamos, e para a qual chamamos a atenção de todos os leitores de a Batalha.

"A ditadura do proletariado"

Está já à venda, nas principais livrarias de Lisboa e na administração de a Batalha, este volume do nosso camarada e amigo Carlos Rates, cujo preço é de \$40.

A administração de a Batalha previne os agentes e amigos da província que os seus pedidos devem vir acompanhados da importância respectiva e mais \$14 para registo e porte de correio.

CARTA DE ITÁLIA

Excursão de propaganda de Malatesta, suas peripécias — Leis abolidas de facto

ANCONA, 16

As manifestações que acompanharam Malatesta, na excursão que realizou através da Itália, setentrional e central, tem uma significação que passa além da personalidade do nosso camarada. Observando-as, seguindo-as no seu entusiasmo sempre crescente, temos todos — tantos inimigos como amigos e camaradas — a aprender nelas qualquer coisa.

Uns e outros teremos compreendido antes de tudo — por mais revolucionários que possamos ser — que o espírito das massas excede bastante toda a nossa expectativa ou desejo. Embora, na verdade, estas ainda se encontrem muito inconscientes e incapazes dum movimento de carácter geral, no entanto o facto é que existe o perigo de levantamentos bruscos e imprevisíveis mais ou menos localizados, que poderão ser magnificamente aproveitados, se os revolucionários conscientes do que desejam, não estiverem com as mãos nas algibeiras à espera que lhes caia na boca o mandado vindo do céu.

Mais uma vez vivemos a impressão de que atravessamos uma época revolucionária. Os estúpidos e malvados jornalistas burgueses tem procurado atribuir a Malatesta toda esta excitação de ânimos, uma honra que elle não recusaria certamente, se não fosse precisamente o contrário. Malatesta nos seus comícios, deu simplesmente lugar a que o estado de espírito das massas se pudesse manifestar. O seu nome — porque a burguesia o circundou duma tradição de terrorismo — sintetiza para elas a revolução. Os jornais tinham dito: Toma cuidado! Olha que Malatesta quer a revolução; deitar o mundo abaixo; destruir todas as coisas sagradas; abrir as portas dos cárceres e queimar-las, fazer a guerra civil, etc.

E as massas, sem quererem saber porque e para que quer Malatesta tudo isto, responderam, accorrendo entusiasticamente aos teatros, às praças e às ruas:

«Ah, sim? Malatesta quer tudo isto? Pois é precisamente o que nós queremos também! Viva então Malatesta!»

Eis aqui a situação presente!

Vale a pena também falar das peripécias da excursão de Malatesta, porque revelam não só a violenta vontade que tem as massas de se movimentarem, mas também a estreita mentalidade das classes dirigentes.

Havia, há e... não há, alguns mandados de captura contra Henrique Malatesta, pelos discursos pronunciados por elle em varias cidades da Itália. Apenas desembarcou, os agentes de policia puzeram-se logo atrás delle, de caderno e lápis na mão, a registar frases, as mais das vezes a inventar-lhe ou então a copiar-lhe as tendenciosas narrações dos jornais burgueses, tudo com o fim de se aproveitarem das suas palavras para o denunciar. Havia e há grande interesse em encarcerar Malatesta ou então obrigá-lo a voltar para o estrangeiro.

A retórica de Malatesta é diferente da de todos os outros, mas essa diversidade não consiste numa maior violência de linguagem; até, pelo contrario, elle faz menos uso de palavras grosseiras de que qualquer outro. Já varios jornais burgueses se tem mostrado desiludidos com a maneira calma como elle fala. Provavelmente esperavam que lhes saísse da boca só bombas e mietralha. Mas ficaram todos certos que não tem feito discursos de educandas ou semiaristas, e que o tema em volta do qual se tem alongado mais tem sido sobre a revolução. E' este, porém, o tema — de há um ano para cá — de todos os nossos oradores subversivos, que se respeitam. Tanto os nossos camaradas, como os oradores socialistas tem dito aquilo de que se accusa Malatesta, ainda com palavras mais violentas, em todas as conferencias ou comícios publicos; e se exceptuarmos o caso de Faggi, em Placência ninguém se moveu ou comoveu por tudo isto. Seria mesmo então preciso meter na prisão nada menos do que meia Itália!

Verdade ou não, o facto é que os redactores dos agentes de policia, acerca dos discursos de Malatesta não passam dum pretexto, Pretexto para o impedir de dizer tudo, para fazer calar os seus

UM GRANDE MOVIMENTO

O FUNCIONALISMO PUBLICO EM GREVE

Estão efectivamente em greve, desde anteontem, além dos empregados telegrafos-postais, os funcionários do Estado, no seu máximo número, motivo porque ontem foi deficientissimo o serviço em quasi todas as repartições publicas.

Mercê dos acontecimentos ocorridos ontem nesta casa, caso a que nos referimos noutro lugar, acontecimentos que em muito prejudicaram a informação de a Batalha, é incompleta a nossa reportagem, visto que durante algumas horas ninguém pôde entrar ou sair do edificio onde estamos instalados.

Nota officiosa

Tendo chegado ao nosso conhecimento, de que correm boatos, considerandolos entendidos com o sr. administrador geral dos correios e telegrafos (sic), vimos desmentirlos com toda a energia, lamentando até que sua ex.ª não houvesse já procurado obter a liberdade dos prisioneiros. Sabemos que se procurados, com actividade, varios elementos da classe e que se prossegue no caminho das violências.

Não ameadando, mas defendendo-nos, deixamos feita a declaração de que não entraremos em negociações com o governo, enquanto este não poser os nossos colegas em liberdade.

Com a demora na solução do conflito e com a expectativa da continuação de violências, vamos dar ordens terminantes para ser agravado o estado das comunicações telegraficas, continuando a levar a credito do governo as responsabilidades respectivas.

Atacamos-nos com violência? Não podemos esperar brandura.

Viva a greve telegrafo-postal!

O Comité Central dos Correios e Telegrafos.

O professorado primário solidaria-se com os funcionários abandonando o serviço

O professorado primário official, ligado a todo o funcionalismo na luta pela melhoria da sua situação material, resolveu manifestar-lhe a sua completa solidariedade, abandonando o serviço até que sejam satisfeitas as reclamações comuns.

Um manifesto

Com o título *AO PÚBLICO*, foi ontem profusamente distribuido o seguinte manifesto:

A Classe Telegrafo-Postal viu-se forçada a iniciar um movimento grevista em face do silencio estabelecido, pelas entidades superiores, em volta das suas justas e inadmissiveis reclamações.

Este passo grave deu-o a corporação sem qualquer desejo de criar embaraços ao governo, sem o maior vislumbre politico mau, com o unico fim de se não deixar morrer lentamente pela fome.

Em face deste movimento justificado, ordenado e necessário, a imprensa, fiel reproduzadora da opinião publica, toma uma attitude benevolenta que muito a nobilita, enquanto o governo inicia uma serie de perseguições, de violências e de informações falsas e de verdade.

Tal como em 1917, o governo vem já dizer-nos que os serviços começam a normalizar-se!

O publico, porém, deve ser o principal zelador dos seus interesses, não despendendo do dinheiro num serviço publico que pot agora, não poderá utilizar nem irregularmente sequer.

A normalização dos serviços telegrafo-postais será um facto de rápida execução, como demonstramos em 1917, quando o comité, tendo solucionado o conflito, possa dar as suas necessárias instruções.

O movimento não se limita a Lisboa e será tanto mais amplo e forte quanto maior forem as violências do governo.

As comunicações tornar-se-ão não tanto mais impossiveis de restabelecimento quanto maior for a intransigencia de governo e a demora na solução do conflito.

Que o governo medite, reconheça e avalie a unidade e o valor desta declaração.

Viva a greve!

Viva a união telegrafo-postal!

O Comité central da greve

O pessoal da policia de imigração apresentou-se todo ao serviço

O Comissário Geral da Policia de emigração procurou o presidente do ministério a fim de lhe comunicar que todo seu pessoal subordinado havia comparecido ao serviço.

Como era de esperar, o governo iniciou as violências habituais

Entre os individuos presos em consequência da greve contam-se Sebastião

(perário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a "Casa dos Trabalhadores", não te demores em fazê-lo

